

## **Voz autoral e reescrita da história das guerras de independência (1961-1974) nas literaturas angolana, moçambicana e portuguesa**

Profa. Dra. Bárbara dos Santos<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Este estudo concentra-se na perspectiva teórica da questão da voz autoral na literatura, tomando em consideração o contexto histórico das obras estudadas. É a partir do tema das lutas de libertação nas literaturas africanas de língua oficial portuguesa que procuramos pôr em realce o carácter dialéctico desta perspectiva, mostrando as relações teóricas que a questão do autor integra e manifesta com a crítica póscolonial e a escrita da história. Trata-se, a partir de algumas obras angolanas e moçambicanas escolhidas sobre este tema, de pôr em realce esta perspectiva teórica que se baseia na narratologia e que se abre para uma perspectiva inspirada da sociocrítica que tem as suas principais raízes nos trabalhos de M. Bakhtin. Assim, o nosso estudo crítico procura dar conta do movimento dialéctico do discurso literário tanto no estudo da sua estrutura como dos elementos que interagem com o contexto histórico. Uma parte comparatista com obras portuguesas também será apresentada no objectivo de confrontar as diversas versões da história tanto de um ponto de vista histórico como de um ponto de vista identitário, ideológico e estético.*

**Palavras-chave:** autor, literatura angolana, literatura moçambicana, literatura portuguesa, lutas de libertação

### **Introdução**

O presente estudo tem como principal objectivo fazer uma apresentação do meu trabalho de tese que foi recentemente defendido sob o mesmo título. A escolha da temática da guerra colonial nas literaturas portuguesa e africanas de língua oficial portuguesa inscreve-se no prosseguimento de um trabalho de mestrado realizado acerca da produção literária portuguesa pós-25 de Abril. Como sabemos, Portugal possui um vasto número de obras sobre o tema em questão. Essa produção, que engloba textos de qualidade diversa, surgiu como a manifestação de uma profunda conscientização dos danos da história. Quando nos interrogámos sobre a produção literária realizada nos países africanos de língua portuguesa, foi com surpresa que constatámos, por um lado, a importância diminuta das obras que focam este tema, e por outro lado, o número ínfimo das mesmas. Optámos, consequentemente, por nos dedicarmos a essa temática, posto que a consideramos fundamental para a própria compreensão da literatura contemporânea dos países africanos.

Para a elaboração da investigação, seleccionámos obras angolanas e moçambicanas, portanto de países que fazem parte dos que mais sofreram com a guerra colonial de 1961-1974. No que diz respeito à escolha das obras, optámos pelo estudo de *As lágrimas e o vento* de Manuel dos Santos Lima, *A geração da utopia* de Pepetela, *Sim Camarada!* de Manuel Rui, *O fogo da fala* de Boaventura Cardoso, *A paz enfurecida* de Ascêncio de Freitas e *Vinte e zinco* de Mia Couto. Paralelamente, foram escolhidas quatro obras portuguesas para o estudo comparativo: *Nó cego* de Carlos Vale Ferraz, *Jornada de África* de Manuel Alegre, *Os cus de Judas* de António Lobo Antunes, e *Autópsia de um mar de ruínas* de João de Melo. Este *corpus* comporta principalmente textos em prosa redigidos após a guerra. A nossa escolha baseia-se no facto que a literatura que foi

escrita durante esta fase aparece como uma narração específica daquilo que foi chamado a literatura de combate. O âmbito do nosso trabalho estava mais centrado no procura do testemunho e do balanço que foi feito desta experiência do passado, os seus autores sendo intelectuais que nela participaram de forma activa. A guerra de libertação aparece como um acto cultural por excelência, a reescrita da história como uma escrita que revisita, de forma crítica, o passado, com base no momento presente. Questionando-nos sobre a relação que estas literaturas mantêm com a história, interrogamo-nos, paralelamente, sobre questões de ordem identitárias, procurando, assim, colocar em evidência as suas singularidades.

Apesar de a crítica portuguesa se debruçar, já há algum tempo, sobre a temática da guerra colonial, este interesse provém de um processo relativamente longo e doloroso. Parece-nos, portanto, necessário que uma mesma abordagem seja realizada do lado das literaturas africanas de língua portuguesa para que as possamos fazer dialogar e com elas dialogarmos.

Interrogações de ordem metodológicas imporam-se. Como estudar uma temática ligada à uma reflexão histórica respeitando ao mesmo tempo as especificidades da literatura de cada país? Além disso, como estudar essas histórias de forma a encarar perspectivas e ideologias próprias a cada uma? Para isso, a questão do autor, tema de uma grande riqueza que não deixa de ser renovado, pareceu-nos ser um fundamento para qualquer abordagem cuja perspectiva aparece como uma abordagem estratégica no estudo das relações que essas obras literárias mantêm com a história delas. De facto, propomos fazer um estudo sobre a questão do autor a partir de uma perspectiva teórica que se apoia na narratologia e que se abre para uma abordagem inspirada na sociocrítica que tem as suas raízes nos trabalhos de Mikhaïl Bakhtin. Assim, o nosso estudo crítico procura dar conta do movimento dialéctico do discurso literário, tomando em conta tanto o estudo da estrutura como dos elementos que interagem com o contexto histórico. Esta perspectiva permitiu-nos constatar o facto que a questão do autor nos revela dados sobre a leitura da história na literatura que muitas vezes não nos são mostrados directamente no texto.

Concentrar-nos-emos, nesta apresentação, a expor num primeiro momento a particularidade da questão teórica do autor para percebermos, num segundo momento, por que razão ela nos pareceu inovadora na análise da escrita da história na literatura.

No seu estudo *La figure de l'auteur*, Maurice Couturier põe em realce, a partir da análise de autores modernos a importância de estratégias metatextuais indicando a necessidade do autor moderno “d’imposer son autorité figurale à un texte dont il feint de se désolidariser ». O “sujet-origine” retomando aqui o conceito de Kate Hamburger, torna-se, então, uma fonte problemática cujo objectivo é sublinhar a multiplicidade de enunciados possíveis e a consequente heterogeneidade do seu saber.

Como o mostra Couturier, a figura do autor “se camoufle tout en s’affichant sous les traits d’un figurant dont l’image exemplaire fait loi dans son espace culturel. » Esta figura torna-se então uma identidade presente no texto:

[...] notamment, à travers un réseau complexe d’identifications positives et négatives avec les narrateurs, les personnages et les narrataires (actants appartenant à la boîte noire du texte) que cet échange peut se produire : l’auteur projette dans le texte des images plus ou moins fidèles de lui-même, il les éparpille entre les différents actants, tels que des mois parcellaires, invitant le lecteur à s’identifier à son tour à chacun d’eux. L’écriture se conçoit comme un processus de fuite et d’évitement par lequel l’auteur cherche à assumer sa loi sur le lecteur et à lui interdire l’accès à son fort intérieur. La lecture est à son tour un processus d’enquête et d’identification positive ou négative : empruntant les armes de l’autre, le lecteur s’efforce de s’échapper aux pièges mis en place par l’auteur pour

dissimuler son désir et s'ingénie à reconstituer sa figure afin d'établir avec elle une véritable empathie.(COUTURIER, 1995, p. 22.)

Um verdadeiro jogo instala-se entre o autor e o leitor que tenta reconstituir a identidade do autor. A sua figura enigmática suscita a curiosidade do seu leitor que aceita entrar dentro de uma espécie de caça do autor. A sua figura é vista como o principal sujeito enunciativo cuja presença se situa em diferentes níveis discursivos e, a partir de diferentes procedimentos. De facto, o estudo de Couturier leva-nos a ver o autor numa espécie de representação da sua própria condição, e a partir de uma relação cúmplice que projecta as figuras do autor e do leitor a um nível “intra-“ e “extratextual”. Por outro lado, ele mostra que a figura do autor não pode ser pensada fora do seu contexto social. Ao denunciar o impacto que a censura teve sobre a figura do autor pela indústria do livro ou pela própria justiça, ele ilustra a “fonction-auteur” de Foucault assim como a sua filosofia baseada na *archeologie du pouvoir*. Ele fundamenta a sua teoria a partir de uma reflexão sobre os discursos da sua época que mantêm uma relação directa com os domínios culturais e sociais. Esta ideia aparece claramente em Foucault quando este mostra no seu estudo “Qu'est-ce-qu'un auteur?”, que a literatura começou realmente a ter autores quando estes podiam ser castigados. No seu estudo, Couturier mostra-nos como o autor procura libertar-se dessas correntes instalando-se no texto e explorando o acto de leitura, « par quel processus le lecteur reconstitue-t-il cette figure de l'auteur et communique-t-il avec elle. »

De facto, o autor é doravante apreendido como uma figura autoral que assume uma efectiva “função” na narrativa.

O estudo de Mikhaïl Bakhtin continua, no entanto, a ser um dos mais relevantes nesta área. De facto, este autor põe em relevo a noção de voz autoral a partir das suas funções estética e formal, geradoras da obra. Ao efectuarmos a distinção entre “auteur-personne”<sup>1</sup> (o artista, o escritor) e “l'auteur-créateur” (que para este estudioso se apresenta como um elemento da obra), é a particularidade da questão autoral na obra que é colocada, sublinhando a importância do autor-criador. Este elemento, constitutivo da obra que não pode, nem deve, ser associado à pessoa do escritor, mas sim à do agente da unidade artística. Bakhtine mostra, portanto, que a questão do autor deve ser analisada a um nível superior de leitura, posto que este não é mais do que

la conscience d'une conscience, autrement dit, est une conscience qui englobe et achève la conscience du héros et de son monde, qui englobe et achève la conscience du héros à la faveur de ce qui, dans le principe, est transcendant à cette conscience et qui, immanent, la fausserait (BAKHTINE, 1984, p. 30)

Ao estudar a relação entre o autor e o seu protagonista, Bakhtin sublinha o facto que o autor criador materializa uma relação axiológica que não pode ser percebida como um todo uniforme e homogéneo mas como coordenadas múltiplas e heterogéneas. Bakhtine mostra então na sua análise a forma como a noção de autor não pode ser dissociada da questão cultural e social:

Le contexte des valeurs et du sens réellement créateur d'un auteur qui pense que son œuvre ne coïncide jamais avec le contexte littéraire, rien moins que réel-matériel ; ce dernier, bien entendu, s'inscrit avec ses valeurs dans le premier où il figure cependant en qualité de déterminé et non en qualité de déterminant : l'acte créateur devra se déterminer aussi dans ce contexte littéraire réel-matériel, devra y occuper ainsi une position de valeur, mais il n'en reste pas moins que cette position se déterminera en fonction d'une position plus fondamentale de l'auteur dans l'événement qu'est l'existence, dans les valeurs du monde... (BAKHTINE, 1984, p. 30)

<sup>1</sup> BAKHTINE, Mikhail, *Esthétique de la création verbale*, Paris : Editions Gallimard, 1984, p. 30.

A partir desta perspectiva é necessário voltar ainda para a maneira como Bakhtin considera o acto artístico em si. Para o crítico, a realidade vivida do artista é transportada para um outro plano axiológico, o que significa que o acto artístico se opera a partir de sistemas de valor aos quais vêm se acrescentar novos sistemas de valores. O artista isola alguns aspectos da vida para reorganizá-los, numa nova unidade. É então o autor-criador que realiza esta transposição de plano de valores a partir de uma certa realidade vivida e valorizada. No entanto, se o autor-criador compôs o objecto estético, este está posicionado como tal a partir dos valores do autor pessoa.

Por outro lado, Bakhtin também mostra, baseando-se na filosofia da linguagem, que para a análise artística deve ser tomada em consideração a noção de linguagem a partir da sua heteroglossia, isto é, enquanto conjunto múltiplo e heterogéneo de vozes e linguagens sociais. A linguagem, no acto literário, joga com uma complexa rede de linguagens sociais, mas esta fica centrada a partir de uma certa voz artística:

Dans le mot, une voix créatrice ne peut jamais être que seconde voix. Seule la seconde voix – le rapport pur – peut-être sans objet jusqu'au bout, peut ne pas projeter l'ombre de son image, de sa substance. L'écrivain, c'est celui qui sait travailler la langue en se situant hors de la langue, c'est celui qui détient le don de dire indirect. (BAKHTINE, 1984, p. 319)

Esta segunda voz que para Bakhtine é pura relação, apoia-se essencialmente no facto que o trabalho sobre a linguagem só é possível a partir do momento em que o artista se posiciona fora dela. O artista só passa para o processo de criação quando se liberta da linguagem. Por isso, o autor-criador, esta posição axiológica do texto situa-se num segundo nível de leitura que se posiciona, por sua vez, como uma voz social dando uma unidade à sua obra. Esta voz social, assume uma conceição do mundo a partir dos seus próprios valores e orienta desta forma o leitor.

Esta noção de segunda voz é, a nosso ver, uma abordagem estratégica para a análise do testemunho e da representação da guerra nas literaturas angolana, moçambicana e portuguesa. De facto, da questão da voz autoral, esta segunda voz, esta pura relação, ressaem os principais processos empregues pelo autor no seu trabalho de reescrita da história e da elaboração artística.

Esta segunda voz, a voz autoral da obra, encontra-se orientada, nestas literaturas, a partir de uma voz que assume uma reflexão social e histórica. O autor, artista e testemunha, empenha-se e age sobre o mundo veiculando, através da linguagem, uma diversidade de valores e o seu modo de ver e pensar a história. O carácter complexo, até muitas vezes subversivo, das literaturas africanas é, em primeiro lugar, a manifestação de uma profunda reflexão sobre o carácter cultural e histórico destas sociedades. Esta voz, mestre da sua obra, divulga a progressão do artista e testemunha empenhado na sua realidade subjectiva, social e histórica.

A reescrita da história surge como uma prática de escrita específica que propõe uma interpretação subjectiva dos feitos históricos. Trata-se, aqui, do modo como se encontra, então, narrada esta experiência singular que foi a guerra de independência. Como foi transmitida, segundo o ponto de vista em que nos colocamos, a guerra colonial e/ou a libertação? Como se coloca o autor nesta narração de carácter histórico e cultural? Estas são interrogações às quais tentamos dar resposta, partindo da análise das relações entre o questionamento do autor e da história.

O autor africano parece assumir uma posição adicional à do artista criador. Apreendido como um intelectual empenhado, subsiste a ideia de que o escritor deve ser testemunha da história do seu povo e deve preservar, através da expressão da sua realidade, a preocupação constante de exprimir e educar a colectividade (KEESTELOOT, Lylian, 1977, p. 295). No seu estudo intitulado *Littérature et Développement*, Bernard Mouralis sublinha a importância do trabalho do escritor na análise da literatura negro-africana. O autor africano parece assumir três funções principais: o seu empenho político, a sua consciência cultural e a sua consciência literária. Estas funções, que surgem de forma

recorrente na análise literária dos textos africanos, podem, a nosso ver, ser consideradas como poéticas, em relação directa com a temática do autor. O escritor posiciona-se a partir de critérios ideológicos que o levam a apresentar o seu ponto de vista tendo em conta as diversas estratégias na cena enunciativa:

Les textes produits par les écrivains africains se réfèrent effectivement d'abord à la réalité dont ils ont l'expérience et qu'ils s'efforcent de représenter. Leurs œuvres ne sont pas des productions intemporelles; elles mettent en scène un univers précis et concret que le lecteur peut facilement identifier et dans lequel il retrouve les principaux traits qui caractérisent la situation de l'Afrique sur les plans politique, social, historique et culturel. Perspective "réaliste" donc, mais qui impliquera toujours de la part de l'écrivain une prise de position formulée sans ambiguïté et dont la fonction sera bien évidemment de faire connaître, sur tel ou tel aspect précis de la situation décrite, le point de vue des Africains eux-mêmes. (MOURALIS, 1984, 358)

Acrescentaremos, fazendo esta vez referência à Jean-Marc Moura no seu estudo *Littératures francophones et théorie postcoloniale*, a importância e a disciplina que a análise póscolonial assenta sobre este papel fundamental que é atribuído ao autor:

L'auteur postcolonial a, de façon presque obligée, une conception forte de la littérature dans l'histoire, de ce qu'elle peut pour et dans la culture, de ce dont elle est capable pour les relations interculturelles. C'est pourquoi on peut parler de conscience culturelle. (MOURA, 1999, p. 43)

Reflectir sobre as lutas de libertação nas literaturas africanas impõe obrigatoriamente uma reflexão sobre a história desse povo, e, conseqüentemente, sobre o colonialismo e as problemáticas identitárias que delas decorreram.

A literatura africana de língua portuguesa participou de forma activa nesta guerra, envolvendo-se no que se costuma chamar de guerra de combate. Esta, devido à tomada de consciência nacional de cada um dos povos, pode ser percebida como o mostra Pires Laranjeira<sup>2</sup> a partir de quatro principais perspectivas: uma perspectiva didáctica que procura guiar para os caminhos da liberdade; uma perspectiva "hagiográfica"<sup>3</sup> investindo domínios como da história e do imaginário, uma perspectiva socrática, na medida em que interroga o maniqueísmo político, e uma perspectiva na qual Pires Laranjeira constata a necessidade de alguns autores glosarem a realidade da guerra. De facto, esta literatura de combate apresenta-se como é necessário que o seja, isto é, como uma literatura de acção, que procura, a partir de diferentes perspectivas, provocar uma tomada de consciência do povo e criar uma dinâmica identitária e combativa. Trata-se de fazer transparecer, na literatura, a necessidade de enfrentar a situação social e política destes países.

Foi por isso que quando mergulhámos no universo romanesco angolano e moçambicano foi sem surpresa que nos encontramos confrontados com textos de um grande poder estético e ideológico.

As escolhas axiológicas do autor aparecem logo na forma como este apresenta a sua obra. Os elementos do "paratexto" são já indicadores da própria identidade da obra. De facto, como é possível observar nos autores escolhidos, o título ou os epígrafos colocam em evidência uma reflexão sobre o lugar que ocupa o trabalho da escrita dentro do contexto histórico e social dos seus respectivos países. Esses elementos divulgam o empenho desses escritores a situarem a mensagem

<sup>2</sup> O autor prefere a expressão "literatura de guerrilha" integrando, assim, tanto o aspecto do combate como o da resistência. (LARANJEIRA, José Luis Pires, "Perspectivas da literatura africana de guerrilha", in *Vértice* 58, Janeiro-Fevereiro 1994, p. 9-10).

<sup>3</sup> Literatura que vende os méritos dos chefes mortos no combate, criando assim os primeiros heróis das lutas de libertação.

poética no seio de uma reflexão sobre a própria representação do mundo e da forma como essa mensagem é apreendida no campo das artes e da cultura em geral. O exemplo da obra *Vinte e Zinco* de Mia Couto é flagrante. O título indica o objectivo do autor de propor uma outra perspectiva da história, a perspectiva moçambicana. O uso de citações de personagens da obra como epígrafe do romance, junto a citações de autores reais também mostra o desejo de criar um espaço de expressão para o povo moçambicano. Esse processo metatextual reenvia para uma reflexão social e histórica assim como para uma releitura sobre a literatura enquanto espaço de expressão e de afirmação identitária. Trata-se então de pensar nas diferentes formas de construções identitárias dessas nações e de procurar ver, nos romances estudados, a maneira como eles incorporam essa temática.

Por outro lado, o estudo dos géneros narrativos também nos dão informações sobre a forma como os autores apreendem o real. Ao escolher o romance histórico moderno, o romance autobiográfico ou ainda o conto, os autores optam consequentemente por uma forma particular de representação do mundo. Trata-se de considerar estes géneros a partir dos diferentes espaços utilizados para definir o universo diegético deles.

Acrescentaremos, para sermos sintético, que o tema das lutas de libertação enquanto processo cenográfico da obra literária, revela as difíceis condições da guerra assim como o sofrimento humano que elas provocaram. Mas é importante notar a constante e quase principal preocupação que se encontra nestas obras de reconsiderar a própria noção do ponto de vista da história e de divulgar uma reavaliação crítica da história da guerra nos respectivos países. Mais do que a descrição das estratégias de combate ou do que a escrita da violência da guerra em si, estas obras parecem ser orientadas numa profunda reflexão ideológica sobre o valor e o sentido da história. Uma forte conscientização das diferentes relações ideológicas e culturais são-nos veiculadas nesses romances que procuram orientar o debate, manifestando assim um desejo de abertura para o mundo. As posições dos autores revelam-se a partir dos diferentes pontos narratológicos dos textos, tal como evidencia a relação que entretêm com o narrador, participando por vezes de forma visível na diegese. O início do primeiro capítulo da obra *A geração da utopia* de Pepetela testemunha disso, abrindo a obra com uma longa parêntese onde o autor fala da maneira directa ao leitor da sua experiência enquanto estudante numa faculdade portuguesa. Mas a sua posição não aparece só nesta relação. Também se constata um trabalho cenográfico agudo onde o tempo aparece em constante interacção com o indivíduo. As personagens e os discursos visíveis nestas obras assumem-se também como representativos da época e do espaço.

Os textos que constituem o nosso *corpus* não são de uma leitura fácil, na medida em que os diferentes autores utilizam estratégias intra e extra-textuais: jogos de desconstruções, paródia, ironia, assim como um trabalho bem definido sobre as diferentes formas de representações emergem de forma recorrente nessas literaturas. Todos os meios são utilizados para evidenciar a realidade do combate, com o objectivo de redefinir uma nação que simbolicamente também se liberta pelo desenvolvimento da sua própria literatura. Essas obras estão também ligadas a um regresso às tradições, de modo a mostrar as interacções entre o passado e o presente, afirmando, assim, um combate para um novo “nós”, condição essencial para a construção da nação.

A escrita da história está no centro da preocupação desses intelectuais. De facto, os autores, a partir do acto da escrita, procuram afirmar uma outra versão da história, distinta da que foi controlada pela hegemonia ocidental. Trata-se de uma nova versão, que vem da voz dos países periféricos. Acrescentemos, ainda, o facto da escrita da história partir de uma vontade de dar voz aos verdadeiros combatentes e ao povo. Assim, a narração da construção da nação e, por conseguinte, da história, não podia continuar a passar pela evocação das grandes figuras oficiais.

Portugal conheceu uma grande produção literária sobre a guerra colonial. Essas obras de qualidade diversa são o reflexo de uma necessidade profunda de escrever a respeito dessa

experiência dolorosa. A escrita adquire, em certos casos, quase uma função terapêutica e participa da vontade de não “calar” a verdade dessa longa e difícil guerra. De facto, Portugal conheceu, após os combates, uma fase difícil e de grande silêncio. Foi preciso tempo para que a sociedade fosse capaz de enfrentar novamente o seu passado.

Existe nestas obras uma necessidade de fazer um exame crítico dos acontecimentos do passado e de perceber os diferentes pontos de vista que essa reflexão pressupõe. Os testemunhos participam, a partir da comparação, à divulgação do ponto de vista da guerra: o dos portugueses. A questão da voz autoral posiciona-se, mais uma vez, na construção das diferentes figurações identitárias dessa perspectiva, manifestando-se por vezes de forma implícita nas diversas figurações identitárias presentes nestas obras.

De facto, é possível estabelecer um eixo comparativo entre as literaturas portuguesa, angolana e moçambicana a partir da importante carga dialógica que comportam todas estas obras. É de salientar o facto de muitos desses romances traduzirem, através de formas inovadoras, uma grande riqueza humana e cultural. A escolha dos romances portugueses baseia-se em quatro principais tipos de narrações, representativas, a nosso ver, das diversas formas de escrita que surgiram. *Os cus de Judas* mostra-nos uma literatura-testemunho, narrada sob a forma de uma confissão. Representa o romance da necessidade de desabafar a experiência da guerra. *Nó Cego* é uma obra que, por sua vez, participa na tentativa de escrita simples e realista, o que não significa menos crítica e irónica. *Jornada de África* fala-nos de um passado associado ao passado mítico de Portugal e analisa a memória e o mito no processo identitário português. Esta obra, que tem um carácter intertextual explícito, associa mito/passado/presente e denuncia, de forma irónica, até mesmo sarcástica, a situação de fechamento na qual Portugal se encontrou. Finalmente, em *Autópsia de um mar de ruínas*, a fase da guerra colonial é-nos evocada a partir de dois tipos de narrações representativas das vozes portuguesas e angolanas. Este romance opõe duas visões da história e da literatura. O conjunto dessas obras estão, conseqüentemente, plenamente envolvidas na necessidade de uma revisão crítica da história.

Acabaremos esta apresentação sublinhando a forma como a escrita participa também no caso da literatura portuguesa a um processo de conscientização, ou melhor, à profunda conscientização da história na sociedade portuguesa. No âmbito da comparação com as literaturas angolana e moçambicana, aparece-nos então fundamental reflectir sobre as noções de pós-colonialismo e pós-modernidade, a fim de estabelecer as principais ligações entre elas.

O que subsiste entre estas duas categorias é, principalmente, o facto de as literaturas tentarem, com valores e referências diferentes, uma reformulação da história mostrando como os diferentes sistemas de representação podem ser perigosos quando utilizados com fins perversos. Assim, é nesse sentido, na nossa opinião, que as literaturas portuguesa, angolana e moçambicana se encontram relacionadas: trata-se de diferentes sociedades vítimas de uma mesma política colonial e dictatorial. A perversidade da guerra leva, então, esses autores a mostrar ao mundo como a sua realidade foi manipulada e colocada contra eles próprios.

Assim, se a escrita da guerra tenta testemunhar a atrocidade que lhe é inerente, a escrita pós-moderna procura, por sua vez, marcar oposição e mostrar a necessidade e a evolução do homem. E, embora as literaturas pós-coloniais contenham elementos de uma grande complexidade, pensámos que era possível juntá-los na nossa comparação, na medida em que procuram exprimir uma necessidade de mudança imediata. De um ponto de vista angolano e moçambicano, trata-se de reformular a história para que ela condicione e adopte, também, o seu ponto de vista. A literatura portuguesa, por sua vez, manifesta também a necessidade de uma reavaliação do passado. Tanto o povo português como o povo angolano e o povo moçambicano, encontraram-se, assim, perante a necessidade de criar um novo “eu” colectivo, uma nova identidade nacional, para conseguir um equilíbrio no seio dessas sociedades. Assim, a consciência da consciência do autor situa-se numa escrita pós-colonial e pós-moderna que aparecem como “póses”, palavras que reenviam a realidades

complexas, cuja evolução tem de passar pela abertura para o Outro. O combate dessas guerras deveria, portanto, pelo menos servir para isso.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ALEGRE, Manuel, *Jornada de África*, Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1989.
- [2] ANTUNES, António Lobo, *Os cus de Judas*, Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1997 (1<sup>ère</sup> Ed. 1979).
- [3] BAKHTINE, Mikhail, *Esthétique de la création verbale*, Paris : Editions Gallimard, 1984.
- [4] CARDOSO, Boaventura, *O fogo da fala*, Lisboa : Edições 70, 1980.
- [5] COUTO, Mia, *Vinte e zinco*, Lisboa: Edições Caminho, 1999.
- [6] COUTURIER, Maurice, *La figure de l’auteur*, Paris : Editions du Seuil, 1995.
- [7] FERRAZ, Carlos Vale, *Nó Cego*, Lisboa : Editorial Notícias, ND (1<sup>ère</sup> Ed. 1983).
- [8] FREITAS, Ascêncio de, *A paz enfurecida*, Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- [9] KESTELOOT, Lilyan, *Les écrivains noirs de langue française*, Bruxelles : Univ . Livre de Bruxelles, 1977.
- [10] LARANJEIRA, José Luis Pires, “Perspectivas da literatura africana de guerrilha”, in *Vértice* 58, Janeiro-Fevereiro 1994, p. 9-10.
- [11] LIMA, Manuel dos Santos, *As lágrimas e o vento*, Porto : Edições Afrontamento, 1989. (1<sup>ère</sup> Ed. 1975)
- [12] MELO, João, *Autópsia de um mar de ruínas*, Lisboa: Assírio e Alvim, 1984.
- [13] MOURA, Jean-Marc, *Littératures francophones et théories postcoloniales*, Paris : Presses Universitaires de France, 1999.
- [14] MOURALIS, Bernard, *Littérature et développement : essai sur le statut, la fonction et la représentation de la littérature négro-africaine d’expression française*, Paris : Silex Edition, 1984.
- [15] PEPETELA, *A geração da utopia*, Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1992.
- [16] RUI, Manuel, *Sim camarada!*, Luanda: União dos Escritores angolanos, 1977.



## <sup>1</sup>**Autor(es)**

**Bárbara DOS SANTOS, Profa. Dra.**

Universidade de Rennes 2

Departamento de português

barbarados\_santos@hotmail.com